

## MODELAGEM INFANTIL: ANÁLISE DE MEDIDAS DE TIP TOPS

*Children modelling: analysis of tip tops measures*

Lodi, Renata; Me; Universidade Feevale; renatalodi@feevale.br <sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo trata da falta de padronização nas medidas de vestuário para bebês, experienciada pela autora. Neste trabalho apresenta-se uma pesquisa na literatura brasileira sobre padronização e tabelas de medidas e, foram selecionados tip tops de plush de marcas variadas para a realização de uma comparação de medidas. O objetivo é contribuir para a ciência e mostrar que a padronização é possível com conhecimento e material adequado.

**Palavras Chave:** Modelagem infantil/bebê; Tabelas de medidas; Padronização.

### Abstract

*This article deals with the lack of standardization in clothing measures for babies, experienced by the author. This paper presents a survey in Brazilian literature on standardization and measurement charts. After this research, we were selected tip plush tops of various brands to carry out a comparison of measures and the confrontation with the measurement chart of ABNT NBR 15800: 2009. The objective is to contribute to science and to show that standardization is possible with knowledge and appropriate material.*

**Keywords:** Child modeling; Measurement chart; Standardization.

## 1 Introdução

Presentear com produtos de vestuário nem sempre é fácil, não apenas pela questão estética, mas principalmente por causa do tamanho dos produtos. As grandes diferenças encontradas nos tamanhos de vestuário adulto se refletem também no vestuário infantil, que aliado ao rápido crescimento dos bebês gera trocas e roupas sem ou com pouco uso.

Segundo Brito (2009), comprar roupas para bebês, crianças e adolescentes nem sempre é tarefa fácil para padrinhos, amigos e parentes,

---

<sup>1</sup> Tecnóloga Têxtil formada pela UPF no ano de 2000. Experiência em processos de produção, modelagem, costura e supervisão de qualidade. Pós-graduada em Engenharia de Produção e mestre em Design pela UFRGS, RS. Docente no curso de Moda da Universidade Feevale/RS.

pois no Brasil os tamanhos das peças de vestuário do público de zero a dezesseis anos não são padronizados. As idades costumam ser a referência nas etiquetas, porém nem sempre correspondem, de fato, ao porte físico dos bebês, crianças e adolescentes.

Foram poucas as pesquisas brasileiras encontradas sobre modelagem de bebês, pois a maioria trata de crianças. Zanatta (2014), por exemplo, relata em sua pesquisa as dificuldades antropométricas encontradas na modelagem infantil para meninas de 8 a 12 anos e percebeu que a modelagem se apresenta pequena em algumas marcas.

Já Pires et al. (2014) em seu estudo intitulado 'A ausência da padronização de medidas no vestuário infantil' analisou as medidas de quatro calças e quatro bodys de bebê tamanho G. A partir das medidas averiguadas, confirmou a falta de padronização das medidas infantis atualmente utilizadas nas indústrias. Os autores concluíram que "as indústrias confeccionistas ainda precisam implantar a padronização em sua produção visando atingir qualidade do vestuário infantil, o que também irá facilitar para o consumidor na hora da compra". (PIRES et al. 2014, p.8)

Este trabalho tem por objetivo pesquisar o crescimento de bebês e o estado da arte sobre modelagem e medidas para este público. Para isso, realizou-se uma pesquisa sobre tabelas de medidas e posteriormente, foram fotografados e, coletadas as medidas de 8 tip tops de plush, de marcas e tamanhos variados para comparação e análise das medidas encontradas. Eles foram o ponto de partida para a discussão final sobre as vantagens da padronização de tamanhos do vestuário para este segmento.

## **2 Crescimento fisiológico e medidas para modelagem infantil**

Segundo Nunes, Souza e Nakayama (2010), a modelagem plana utiliza os princípios da geometria para traçar diagramas bidimensionais que resultam em formas que recobrem a estrutura física do corpo, chamadas de moldes. Para isso, utiliza-se de ciências como a antropometria (estudo das medidas do corpo humano) e da ergonomia (ciência que auxilia na interação do homem com o meio em que vive).

O estudo das dimensões corporais é fundamental para os projetos de vestuário, iniciados geralmente pelo estilista ao enviar um desenho para o modelista, que por sua vez, interpreta o desenho e desenvolve a modelagem desta roupa com base em medidas corporais.

As medidas corporais são apresentadas em forma de tabelas de medidas e podem variar conforme a bibliografia. Por isso, realizou-se um breve levantamento das tabelas de medidas da literatura brasileira e de blogs de modelagem para posteriormente ter embasamento para a análise das medidas dos tip tops.

A maioria dos blogs e apostilas consultados<sup>2</sup>, além dos livros de modelagem de Heinrich (2005) e Saggese e Duarte (2008) trazem a numeração a partir de 1 ou 2 anos nas suas tabelas de medidas. Como exemplo, cita-se o livro Modelagem Industrial Brasileira (MIB), lançado no ano de 1998, amplamente utilizado em escolas de moda e empresas, mas que possui a numeração 2 a 16 anos. Apenas a NBR 15800/2009, apresentada na sequência deste trabalho, possui as medidas de RN a 14 anos e o blog Marlene Mukai, que traz tabela de 1 mês a 14 anos, porém a tabela não tem data de publicação nem origem e as medidas de busto, cintura e tórax são iguais as da norma na sua maioria.

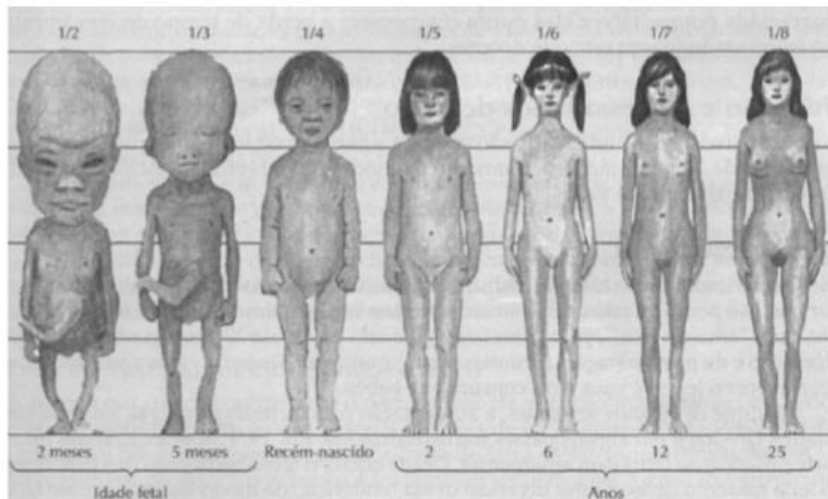
Conforme Papalia e Olds (2006, p.163), “as crianças crescem mais rápido durante os três primeiros anos de vida, especialmente durante os primeiros meses, do que em qualquer outro período da vida”. O peso natal de um bebê mediano dobra aos 5 meses e triplica ao ter 1 ano. A altura aumenta entre 25 a 30 cm durante o primeiro ano (ficando na média em 76 cm); cerca de 12,5 cm no segundo ano (média de 91cm) e 7,5 a 10 cm no terceiro ano, quando a criança geralmente tem um metro de altura.

A Figura 1 apresenta o crescimento fisiológico, onde percebe-se mudanças no formato do corpo e nas proporções. Uma criança de 3 anos geralmente é delgada se comparada com um bebê de 1 ano, gorducho e barrigudo (PAPALIA e OLDS, 2006).

---

<sup>2</sup> <http://pt.slideshare.net/denizebartolo/senai-modelagem-infantil-traado-bsico>;  
<http://raissapalumbo.blogspot.com.br/2012/10/modulo-i-topico-3-conhecendo-medida.html>;  
[http://www.cortandoecosturando.com/v2/?page\\_id=2673](http://www.cortandoecosturando.com/v2/?page_id=2673);  
<http://www.marlenemukai.com.br/wp-content/uploads/2014/06/tabela-infantil.jpg>;

Figura 1 - Crescimento fisiológico  
Fonte: Papalia e Olds (2006, p. 163)



A Figura 1 mostra que a proporção tórax, cintura e quadril dos bebês é praticamente a mesma. Marques et al. (2004) corroboram ao verificarem em seu estudo que o crescimento estatural apresentou desaceleração após os 4 meses de idade. O estudo traz ainda que a média do comprimento de um bebê, que ao nascer é de 49 cm, passa para 54 cm com 1 mês de vida; 63 cm com 4 meses e 67 cm com 6 meses. (MARQUES et al. 2004, p. 103)

Algumas das medidas apresentadas acima vão ao encontro das medidas da NBR 15800: 2009 - Vestuário – Referenciais de medidas do corpo humano – Vestibilidade de roupas para bebê e infanto-juvenil. Esta norma foi elaborada pela Comissão de Estudo de Medidas de Tamanho de Artigos Confeccionados (CE-17:700.04) do ABNT/CB-17 após diversas consultas com anatomistas, associações de médicos pediatras, confeccionistas, modelistas e demais profissionais conhecedores do assunto.

Pereira (2012) explica que as medidas sugeridas pela ABNT NBR 15800:2009 foram obtidas por meio do estudo de tabelas em uso por diversas empresas participantes do processo de normalização, assim como das tabelas de profissionais e escolas de modelagem e de medições de crianças realizadas em creches e escolas. Conforme a norma, a informação de tamanho de cada peça deve ser facilmente legível na etiqueta. “Nela deve constar a estatura, principal referência do corpo infantil, substituindo a indicação etária” (PEREIRA 2012, p.4).

A Figura 2 apresenta algumas medidas da NBR 15800:2009 consideradas essenciais para este trabalho, apresentadas em forma de tabela

para melhor visualização e as medidas do bebê, cujos tip tops foram analisados para este trabalho. O mesmo apresenta crescimento mediano conforme acompanhamento pediátrico e, na data da coleta das medidas, estava com 2 meses de idade, media 57,5 cm e pesava 5,2 kg.

Figura 2 - Tabela de medidas NBR 15800:2009  
Fonte: elaborada pela autora

Estatuta		52	62	67	72	57,5
Idade Referência		R.N.	3 meses	6 meses	9 meses	2 meses
Ponto de medidas / tamanhos		PP	P	M	G	?
Perímetro	Cabeça (linha sobranceira)	39	42	44	46	39
	Pescoço	21	22	22,5	23	22
	Torax/busto	40	44	46	48	41
	Cintura	39	41	43	44	41
	Quadril	43	44	46	48	43
	Pulso	10	10,5	10,5	11	10
	Bíceps	13	14	14,5	15	13
	Coxa	20	25	27	28	21
	Tornozelo	11	15	15	15	12
	Alturas	centro frente	16	17	18	19
jugular-mamilo		8	8,5	9	9,5	8
cintura-tornozelo		31	34	37	40	28
cintura-joelho		16	18	20	22	15
entrepernas		19	22	25	28	16
Outras	ombro a ombro	18	19	20	21	17
	comp. Braço (ombro-cot.-punho)	20	22	23	24	18
	contorno ganchos (da cint FT até cint CT)	33	36	37	38	34
	contorno centro FT + CT (jugular - nuca)	64	69	74	79	68

A medida de altura de bebê aos 6 meses apresentadas por Marques et al. (2004) é a mesma da norma, mas a medida de recém-nascidos apresenta 3cm de diferença, sendo a norma maior. As medidas de altura de Papalia e Olds (2006) também são semelhantes às da norma.

Após essa breve abordagem sobre medidas infantis, especialmente de bebês, serão apresentadas e discutidas as medidas dos produtos deste estudo.

### 3 Apresentação e análise dos tip tops

A escolha dos tip tops para análise de medidas se deve ao fato de serem os produtos que apresentaram maior problema de vestibilidade, devido à uma medida de comprimento detalhada na sequência deste trabalho. Todos

foram presenteados por amigos e familiares, portanto não havia o conhecimento do bebê neste caso, e todos foram confeccionados com o mesmo material, o plush.

As medidas escolhidas foram as que podem afetar diretamente a vestibilidade da peça, como larguras de busto, cintura e quadril e o comprimento de manga e corpo. A Figura 3 apresenta as imagens dos produtos analisados, em ordem crescente de tamanhos, que foram numerados de 1 a 8, e uma tabela com as medidas principais de cada um.

Figura 3 - Comparação medidas tip tops  
Fonte: elaborada pela autora (2015)



Pontos de medida	1) PP	2) P	3) P	4) P	5) M	6) M	7) M	8) G
Entreombros	19	21	20	20	22	20	22	24
Comprimento manga	20	20	20	22	20	23	27	20
Busto/tórax	25	25	27	26	27	25	30	32
Quadril/cintura	30	30	31	31	33	29	32	35
Comprimento total	50	52	46	51	45	52	62	52
Comprimento ombro- fundilho	35	41	35	35	35	37	42	39

Para realizar a medição das peças, elas foram estendidas sobre uma superfície plana, por esta razão a medida está pela metade. Os produtos que possuem pé fechado, o mesmo foi dobrado para dentro para que o comprimento da peça não fosse comprometido por essa parte. O busto foi medido um centímetro abaixo da cava, em linha reta; a medida da

cintura/quadril foi agrupada, pois percebeu-se que era a mesma. A medida do ombro-fundilho foi realizada em linha reta, partido do ponto mais alto do ombro, no decote, até o meio da perna e o comprimento total até o final da perna.

Ao analisar as imagens dos tip tops, é perceptível a diferença na medida do ombro-fundilho, principal causa de não servirem no bebê em questão. Outra medida que chama atenção é a largura da cintura/quadril que em alguns tip tops é muito maior que o busto/tórax sendo que essa medida geralmente é igual em bebês.

Mesmo apresentando diferenças, a medida do comprimento da manga não pode ser analisada só, pois há dependência da medida do entreombros. Portanto, a medida real para efeitos de comparação deve considerar essa relação. Ressalta-se que o comprimento da manga não apresentou problemas de vestimenta, independentemente do tamanho do tip top.

A tabela de medidas possui uma coluna e uma linha em destaque. A coluna apresenta um tip top tamanho P que ainda serve no bebê. A linha em destaque mostra o principal problema de modelagem encontrado: a distância do ponto mais alto do ombro ao fundilho. É importante salientar que é um estudo preliminar, realizado com apenas um bebê de 2 meses de idade (medidas do mesmo na Figura 2). Os tip tops que podem ser utilizados são os de número 2 (que é tamanho P) e de número 8 (que é tamanho G). O de número 7 serve na largura, porém é grande ainda no comprimento. O os demais, mesmo tamanho M, não servem mais devido ao comprimento ombro-fundilho.

Acredita-se que esta medida de comprimento ombro-fundilho é mais efetiva para a construção da modelagem, pois o modo de medir o comprimento dos bodys, apresentado por Pires et al. (2014) chamado “extensão entre a incisura jugular, passando pelo períneo contornando a região glútea até a sétima vértebra cervical” é melhor indicada para ser realizada em corpos humanos. Esta medida, se realizada em peças prontas, como os bodys ou os tip tops, pode dar diferenças devido à altura dos decotes frente e costas, que podem variar dependendo da proposta da peça (mais ou menos decotadas).

Há diferenças grandes nos comprimentos, por exemplo, das medidas do tip top número 5 (tamanho M) se comparadas com o tip top 1 (tamanho PP). Relacionando as medidas dos tip tops com a norma NBR 15800:2009 (Figura

2), e considerando as folgas de modelagem para este tipo de produto, pode-se dizer, que se a mesma fosse utilizada como referência, não haveria problemas de vestibilidade nos tip tops de tamanho M, por exemplo, pois apresenta medidas maiores de entrepernas e comprimento.

#### **4 Considerações finais**

Ao falar de padronização não se espera que os produtos tenham exatamente as mesmas medidas em diferentes marcas. Há de se considerar que os diferentes materiais e as folgas dadas na modelagem irão proporcionar diferenças entre as peças, além de que há padrões de tolerâncias de medidas de peças prontas. Espera-se sim, que ao menos as medidas fundamentais que são os comprimentos, sejam respeitadas, pois é o principal fator de uma roupa não servir em bebês por crescerem muito mais na altura do que na circunferência nos primeiros meses de vida.

A pesquisa teórica realizada evidenciou que há carência de materiais brasileiros sobre medidas de bebês e a norma contendo isso foi lançada apenas no ano de 2009, sendo que muitas marcas iniciaram suas atividades muito antes disso. Isso pode ser a razão para termos tantas diferenças entre medidas de roupas infantis. A comparação de medidas dos tip tops mostrou essas diferenças e evidenciou à medida que impede o uso das peças. Percebeu-se uma preocupação com a largura na área do quadril ao invés da atenção no comprimento da peça, que compreende o ponto mais alto do ombro até o fundilho, que se estiver curta impede a vestimenta da peça.

Segundo Pereira (2012, p.4) o consumidor também é um grande beneficiado com a adoção das normas de vestibilidade, pois terá um sistema confiável de medidas, obtendo segurança e agilidade no ato da compra. Portanto, a busca pela padronização dos tamanhos de vestuário infantil, especialmente de bebês deve ser estimulada, por exemplo, com a divulgação de trabalhos científicos e a constante atualização dos lançamentos normativos e aprimoramento dos colaboradores por parte das empresas de vestuário. Essa padronização poderá diminuir a troca de produtos por causa de tamanhos, além de fidelizar clientes às marcas e proporcionar experiências com o vestuário para bebês.



## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15800:2009** – Vestuário – Referenciais de medidas do corpo humano – Vestibilidade de roupas para bebê e infanto-juvenil. Disponível para compra em <http://www.abntcolegao.com.br>.

BRITO, Vanessa. **ABNT vai padronizar roupas infantis por medidas no País**. Disponível em: <<http://www.df.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/DF/ABNT-vai-padronizar-roupas-infantis-por-medidas-no-Pa%C3%ADs>>. Acesso em 10 mai. 2015.

HEINRICH, Daiane P. **Modelagem e técnicas de interpretação para confecção industrial**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2005.

MARQUES, Rosa F.S.V.; LOPEZ, Fábio A.; BRAGA, Josefina A. P. **O crescimento de crianças alimentadas com leite materno exclusivo nos primeiros 6 meses de vida**. *Jornal de Pediatria* - Vol. 80, Nº2, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2/v80n2a05.pdf>.

NUNES, Valdirene A. V.; SOUZA, Patrícia de M.; NAKAYAMA, Gabriela Y.. **Integração de técnicas no ensino da modelagem**. Anais do 6º Colóquio de Moda. São Paulo.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W. **Desenvolvimento humano**. 8 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2006. Disponível em: <[http://www.academia.edu/7170304/Diane\\_E.\\_Papalia\\_-\\_Desenvolvimento\\_Humano\\_PDF](http://www.academia.edu/7170304/Diane_E._Papalia_-_Desenvolvimento_Humano_PDF)>.

PEREIRA, Maria Adelina. **Na medida certa** [capa]. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/images/boletim/Marco-2012.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2015.

PIRES, Gisely A. et al. **A AUSÊNCIA DA PADRONIZAÇÃO DE MEDIDAS NO VESTUÁRIO INFANTIL**. 11º P&D Design, 2014. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/ped2014/trabalhos/trabalhos/946\\_arq2.pdf](http://www.ufrgs.br/ped2014/trabalhos/trabalhos/946_arq2.pdf)>

SAGGESE, Sylvia; DUARTE, Sonia. **Modelagem Industrial Brasileira**. 4º ed. Rio de Janeiro: 2008.

VALEZI, Lygia. **ABRAVEST apresenta Norma de Padronização do Vestuário Infantil/Bebê (NBR 15800)**. Disponível em: [http://www.abravest.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=108:htpwwwportaisdamodacombr&catid=1:noticias&Itemid=50](http://www.abravest.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=108:htpwwwportaisdamodacombr&catid=1:noticias&Itemid=50). Acesso em 10 mai. 2015.

ZANATTA, Tatiana A. F. **MODELAGEM INFANTIL: dificuldades antropométricas atuais**. Monografia, UNESC, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/2507>>.